



QUESTÃO 1: O conteúdo programático das disciplinas escolares no modelo de ensino brasileiro tem sido avaliado e revisto nas últimas décadas com muita ênfase. Educadores questionam não apenas os excessos, mas sobretudo a pertinência dos conteúdos priorizados pelo sistema educacional no país. No que tange ao ensino das literaturas, a questão que se impõe está em consonância com as avaliações dos teóricos dos estudos culturais acerca dos elementos que forjam a própria identidade nacional: a tão propagada ~~a~~ investigação cultural não se fez (e ainda não faz suficientemente) representar na educação literária frente ao privilégio eurocentrico na pedagogia escolar. A literatura brasileira é estudada ^{quase sempre} como extensão da literatura portuguesa e sua representante, como se o pensamento ultramarino ainda imperasse. Apenas nos últimos anos, ~~so~~ sob influência dos discursos de descolonização em pesquisas acadêmicas, a disciplina de "literatura africana de língua portuguesa" foi incluída no currículo, um pouco como apêndice e sem perder o exotismo que, por preconceito, sempre caracterizou a África no mundo e especialmente neste país. Em primeiro lugar, é necessário pluralizar a disciplina: não há uma literatura africana, mas literaturas africanas expressas em língua portuguesa. Existe a literatura angolana, a moçambicana, a caboverdeana, a guineense e saotomense. São diferentes em obras e autores, evidentemente, mas não apenas: também em estilos e temas, embora semelhantes em muitos aspectos na unidade da África subsaariana. Há também que se relacionar essas literaturas à brasileira (incluindo, neste caso, uma literatura "margi-

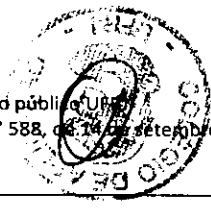


mal" — do Nambá e do Rap, por exemplo). Não se pode ignorar o paralelo entre os recursos de oralidade de nosso Guimarães Rosa à "Luanda" do angolano Wandino Vieira e os neologismos do moçambicano Mia Couto. Não se deve perder de vista que há, nos textos de lá e de cá, o sentido da alteridade por parte dos que moram no "deslugar" social das favelas, que em Angola se chamam mussekés. A belga negra de Jorge Amado se identifica com a poesia de Craveirinha e Agostinho Neto, a exaltar as mulheres de seus países, ofendidas pelos padrões coloniais (que permanecem no pós-independência, em certo sentido). Há um universo a se explorar no Brasil, no que se refere à promoção dos estudos da africanidade e os vieses por onde significam tanto na realidade nacional. Estudar a África é fundamental para entender o Brasil. Apenas assim podemos esclarecer por que ~~o~~ língua que pronunciamos é tão mais oralizada do que aquela que herdamos. Se tão mais alto falamos, se exageramos no gestual, se somos afeitos a um "fartinho" de fazer dar certo mesmo sem todos os ingredientes necessários, é porque culturalmente temos raízes africanas. Conhecer-las é um direito e uma obrigação.

QUESTÃO 2 Os países africanos de língua portuguesa, diferentemente do Brasil (considerando a nossa herança colonial), convivem ainda com um plurilinguismo forte. Há grupos étnico-linguísticos no Brasil, mas esses estão restritos a populações ínfimas do ponto de vista quantitativo/populacional. Em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, os falantes de português também compartilham línguas nativas do continente, pré-coloniais. Tal fato facilita o estudo linguístico e lexical dos idiomas que os africanos (tornados forçosamente brasileiros, por força das circunstâncias coloniais) trouxeram ao novo país em contribuição para o ^{que} hoje designamos "língua portuguesa do Brasil" (muito embora haja também influências africanas e de outras tantas línguas, no português de Portugal). Entre nós, a pronúncia aberta das vogais é reconhecidamente uma influência africana. Há também formações de palavras a partir da repetição silábica, como em "banana", "mamãe", "papa", "coco". O mesmo ~~efeito~~ efeito de repetição (muito frequente em diversas línguas africanas, como quimbundo e umbundo) forma palavras compostas como "tico-tico", "bico-bico", "corre-corre", "teco-teco". As literaturas africanas de língua portuguesa comumente apresentam fragmentos de línguas naturais africanas em que se notam esses efeitos que ocorreram entre nós no processo de formação de palavras.

QUESTÃO 3: Uma das discussões produtivas sobre a constituição do texto literário na produção africana refere-se à enunciação do discurso. A teoria literária europeia destaca o enuncrador ficcional, seja um narrador ou o eu lírico, como uma entidade própria, uma subjetividade construída no discurso. Os autores africanos, em geral, reconhecem-se como herdeiros dos contadores de histórias orais em volta das fogueiras, vozes representativas da coletividade. A pesquisadora Laura Padilha, no estudo "Entre voz e letra", aponta a influência dos "griots", que enunciam os "missosos" africanos, nos textos literários produzidos nos tempos de "lutas pelas independências" e até no pós-independência. Em um artigo poético sobre a literatura angolana, ^{também} o escritor Manuel Rui escreve: "Quando chegastes, mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral (...) E era texto porque havia gesto. Porque havia dança. Texto, porque havia ritual." A citação ilustra a ideia compartilhada em África de um enuncrador coletivo, alguém que narra no lugar de todos.

O sentido comunitário, próprio de uma visão africana do "estar no mundo" (há uma ontologia da terra, uma noção de que todos são expressões da energia vital), também está expresso no tratamento literário do tempo e do espaço. É comum encontrar na ficção africana o "locus" como representação da vida comunitária. Quando o poeta Agostinho Neto escreve: "Minha Mãe / (todas as mães negras / cujos filhos partiram) [...] Nós vamos em busca de luz / Os teus filhos Mãe", nota-se uma referência à África



como o espaço vital, como a terra que é mãe da vida. Tal noção permeia a produção literária africana: o cenário é a vida e o tempo é o das realizações. Esses conceitos podem ser trabalhados com alunos do segundo segmento do ^{ensino} fundamental de modo a estimulá-los a reflexões comunitárias projetadas ficcionalmente nos textos, pensar os espaços como lugares de todos e o enunciador como porta-voz da coletividade. Seria interessante reconhecer esse efeito, por exemplo, na produção do Rap nacional: considerar se não há um paralelo entre esse fenômeno africano e o que se lê/ouve nos discursos de MV Bill ou dos Racionais MC.

Da mesma forma, vale ressaltar - quanto ao conteúdo - o foco político e social presente na ficção africana, o que já rendeu críticas de alguns intelectuais, que consideram "panfletária" boa parte da produção literária na África (crítica que os estudos da africanidade refutam veementemente). A identificação de muitos leitores brasileiros com o projeto de descolonização, impresso nas ficções africanas, comprova o quanto esses sentidos significam entre nós e ~~os~~ inspiram: a colonialidade do poder não se limitou à experiência política do colonialismo. É preciso ainda enfrentar o Império, venha ele com armas ou ~~com~~ ^{por} ondas de teletransmissão.